



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

CIÊNCIA ABERTA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO ACESSO À INFORMAÇÃO

Marina Delege¹

Resumo: Dada a importância do acesso à informação e o modo como sua divulgação é controlada, este trabalho tem como objetivo abordar discursivamente a expressão *Ciência Aberta*, apoiando-se nos postulados teóricos de Dominique Maingueneau, através de um *corpus* formado por textos de instituições como o *Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC)*, que desde os anos 90 se mobilizava para enfrentar as dificuldades sociais na luta pela democratização da comunicação, assim como a *Revista FAPESP*, a qual é publicada por uma das mais importantes agências de fomento a pesquisa e que, sobretudo, busca divulgar os resultados da produção científica e tecnológica brasileira.

Palavras-chave: Ciência Aberta; Acesso à Informação; Divulgação Científica.

Resumen: Dada la importancia del acceso a la información y el modo como su divulgación es controlada, este trabajo tiene como objetivo abordar discursivamente la expresión *Ciencia Abierta*, apoyando-se en los postulados teóricos de Dominique Maingueneau, a través de un *corpus* formado por textos de instituciones como el *Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC)*, que desde los años 90 se movilizaba para enfrentar las dificultades sociales en la lucha por la democratización de la comunicación, como también la *Revista FAPESP*, la cual es publicada por una de las más importantes agencias de fomento de investigaciones y que, principalmente busca divulgar los resultados de la producción científica y tecnológica brasileña.

Palabras-clave: Ciencia Abierta, Acceso a la información; Divulgación Científica.

¹ Formada no Bacharelado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Introdução

Nos últimos anos, tem-se mobilizado uma ampla discussão, nos mais variados ambientes, sobre produção científica, direito autoral, divulgação científica, e sobretudo quanto ao acesso e o uso das informações científicas.

A grande maioria das produções realizadas na academia tendem a ser restritas ao seu próprio público, o que, de fato, acaba limitando a circulação da produção científica ao público acadêmico. Não obstante, a produção científica ainda é mantida por um pequeno número de instituições de fomento, o que influencia boa parte das produções com interesses particulares. Nesse sentido, a ciência limitada ao público acadêmico e aos interesses vinculados às suas instituições, conseqüentemente, acaba abrindo espaço para um outro grande debate: o direito autoral, o qual confere por direitos legais a atribuição da propriedade intelectual ao seu criador. Estas relações só tendem a restringir cada vez mais o acesso e o uso da informação (desenvolvida cientificamente), impedindo, muitas vezes, que a própria divulgação científica se efetive.

Posto esse círculo vicioso de restrições, muitas mudanças ocorreram no campo da ciência, principalmente, em detrimento do modo como as tecnologias digitais influenciou o acesso às informações.

Desenvolvida principalmente pelos usuários do UNIX² e liberadas para as universidades, a formação de uma “rede de computadores” permitiu a comunicação entre máquinas, o que levou à troca de arquivos e informações. Posteriormente, ligada à Arpanet³, essa prática acabou sendo ampliada com a nova ideia do UNIX de encontrar formas que (inter)ligassem duas redes distintas. O que, dali em diante, proporcionou a fusão de várias redes de computadores e criou, de fato, o formato Internet.

Esses mesmos pesquisadores, além de promoverem a Internet, foram além, criaram o “movimento da fonte aberta”, que segundo Castells (2003), era uma tentativa deliberada de manter aberto o acesso a toda informação relativa a sistemas de softwares, prática fundamental na configuração social e técnica da Internet. Logo, em 1984, Stallman lança o Free Software Foundation – propondo substituir o copyright pelo “copyleft” o qual, segundo

² Um sistema operacional desenvolvido pelos Laboratórios Bell e liberado para as universidades em 1974 (p.16)

³ Programa que surgiu de um dos departamentos da ARPA, grupo que tinha como objetivo estimular a pesquisa em computação interativa (p.14).



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Castells (2003), “...entendia-se que qualquer pessoa que usasse um software gratuito deveria, em retribuição, distribuir pela Net o código daquele software aperfeiçoado.”.

Permitindo, assim, que este princípio se tornasse uma prática e se desenvolvesse nas redes de Internet, o que também ocasionou a aplicação de compartilhamento de informação desenvolvida em 1990 por Beners-Lee, o qual implementou o software que permite obter e acrescentar informações de e para qualquer computador conectado pela Internet, com o desenvolvimento da www, a Rede Mundial de Computadores⁴.

Esses sistemas tecnológicos produzidos e desenvolvidos pela cultura hacker⁵, proporcionaram, pela abertura e pela livre modificação do softwares uma remodelação social, influenciando toda e qualquer tipo de relação, assim como diz Castells, a cultura dos produtores da internet modou o meio.

O acesso à informação e sua utilização passaram a ser motivados por este novo modo de produzir, fazer circular e (re)utilizar informações. No caso da comunicação científica, ainda que a produção esteja muito diretamente ligada ao autor e/ou orientada pelos interesses das instituições de fomento, a (re)utilização e o compartilhamento de toda e qualquer informação produzida na academia sofreu grandes influências vindas da cultura da Internet.

Surge, assim, uma nova forma de produzir e comunicar ciência, a qual tende a seguir a diretriz de “movimento aberto”, avançando no sentido da produção colaborativa em rede, mais especificamente da pesquisa científica aberta em rede⁶.

É, então, neste ponto que nosso trabalho toma fôlego e inicia uma análise sobre a noção de *ciência aberta*, reconhecida como:

Ciência aberta é um conceito muito amplo, que engloba diversas práticas e ferramentas ligadas à utilização das tecnologias digitais colaborativas e ferramentas de propriedade intelectual alternativas. Algumas definições inclusivas propõem que a ciência aberta abraça práticas tão diferentes como o acesso aberto à literatura científica ou formas digitalmente mediadas de colaboração aberta, bem como o uso

⁴ World Wide Web que em Castells (2003), se trata de uma aplicação de compartilhamento de informação desenvolvida em 1990, buscando associar fontes de informação através da computação interativa.

⁵ Desempenha um papel axial na construção da Internet por duas razões: pode-se sustentar que é o ambiente fomentador de inovações tecnológicas capitais mediante a cooperação e a comunicação livre; e que já faz a ponte entre o conhecimento originado na cultura tecnomeritocrática e os subprodutos empresariais que difundem a Internet na sociedade em geral. (CASTELLS, 2003, p.38)

⁶ Disponível em: <https://autoriaemrede.wordpress.com/2015/11/24/da-autoria-em-rede-a-ciencia-aberta/>. Acesso em: 24 ago. 2016.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

de licenças *copyleft* para promover a reutilização dos resultados de pesquisas científicas e protocolos. (ALBAGLI, 2015, p.59)

Nessa perspectiva, tem-se a ciência como uma gestão colaborativa e aberta (que dá acesso irrestrito) às informações, permitindo, sobretudo, a possibilidade de compartilhamento e a (re)utilização pelo remix⁷. No entanto, por se tratar de um termo muito amplo, tomamos as várias noções de *ciência aberta* em circulação, como um dos pontos a ser analisados em nossa pesquisa. Porém, outras questões irrompem sobre nosso trabalho, essa ciência é tida com valores positivos ou negativos? É uma ciência desejável? Por parte de quem? É uma meta a buscar?

Dessa forma, traçamos nossa problemática em torno das noções de *ciência aberta*, que abrangem questões políticas e sociais diversas, como indica, por exemplo, Albagli, uma das fontes primordiais deste trabalho:

O movimento pela ciência aberta se insere nesse quadro de tensão entre, por um lado, novas formas de produção colaborativa, interativa e compartilhada da informação, do conhecimento, da cultura. E, por outro, mecanismos de captura e privatização desse conhecimento que é coletiva e socialmente produzido. (ALBAGLI, 2015, p.13)

Ou ainda, envolvendo outras questões como é visto em Martins (2015), que revela uma forte “...disputa na atualidade entre movimentos que defendem a produção coletiva em rede como um bem comum e forças que investem na sua apropriação privada...”⁸.

Procuramos, assim, verificar a circulação desses sintagma e as práticas que ela tem representado, elegendo instituições bastante interessadas na problemática comunicacional: em princípio, a Revista FAPESP e o Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC), visto que a primeira é publicada por uma das mais importantes agências de fomento a pesquisa do país e que, sobretudo, busca difundir e valorizar os resultados da produção

⁷ Essa recolocação da relação entre autor e público contamina e se desdobra para a esfera da ciência. Na produção científica, fazemos *remix* o tempo todo. Fazemos recombinações de trabalhos já realizados, recombinações que podem ser mais ou menos criativas, mais ou menos radicais no avanço do conhecimento. O *remix* ocupa hoje uma linha cada vez mais tênue entre o que se considera apropriação legítima e o plágio. (CASTELLS, 2003, p.16)

⁸ Disponível em: <https://autoriaemrede.wordpress.com/2015/11/24/da-autoria-em-rede-a-ciencia-aberta/>. Acesso em: 24 ago. 2016



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

científica e tecnológica brasileira, e a segunda que, desde os anos 1990, se mobilizava para enfrentar as dificuldades políticas na luta pela democratização da comunicação.

Este trabalho procura, ainda, por se tratar de uma abordagem discursiva, firmar-se nos postulados teóricos de Dominique Maingueneau relativos a uma semântica global para que assim possamos construir nosso aparato teórico a cerca das relações que envolvem o sintagma analisado, *ciência aberta*, fundamentando toda à análise com questões direcionadas à *formação discursiva*, *prática discursiva*, *espaços discursivos* e outras tantas, necessárias a nossa análise.

Ciência aberta e suas relações

Diante da problemática apresentada, propomos desenvolver nossa hipótese de trabalho partindo de um princípio fundamental dos estudos da linguagem: a opacidade da língua e, neste caso específico, do sintagma *ciência aberta*. Ao nos determos nas relações parafrásticas que aparecem em sua circulação, notamos que esta noção assume valores semânticos distintos conforme os lugares de fala que a convocam. Importa dizer que por relações parafrásticas entendemos, por exemplo, as ocorrências destacadas...:

A estratégia europeia define ciência aberta, inovação aberta e abertura para o mundo como essenciais para fazer uma ciência melhor. Nós não acreditamos que a Europa sozinha possa fazer ciência de excelência. Sozinha, a Europa não o fará. Portanto os nossos projetos são abertos ao mundo.⁹

Assim, nos propomos investigar a ocorrência de expressões ou explicações recorrentes nos textos em que o sintagma *ciência aberta* é discutido, apresentado ou ainda, tomado como fonte. Numa primeira coleta de dados, verificamos a reiteração de expressões, como: *acesso aberto*, *colaboração*, *reutilizável*, *acessível*, *acessibilidade* e *pesquisas colaborativas*. *ciência colaborativa*, como podemos ver em alguns dos excertos selecionados abaixo (grifos nossos):

⁹ Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2015/12/15/carlos-moedas-so-ha-excelencia-na-diversidade/>. Acesso em: 23 ago. 2016



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Campbell explicou que os dados científicos não devem ser apenas acessíveis, mas precisam ser tratados para que se tornem compreensíveis e reutilizáveis.¹⁰

a mais antiga sociedade científica do mundo destaca a necessidade de lidar com a abertura de dados científicos, que estão disponíveis numa quantidade cada vez maior, mas cujo conteúdo nem sempre é inteligível ou de interesse dos pesquisadores.¹¹

A decisão da União Europeia de disponibilizar de forma livre e gratuita a partir de 2020 todos os *papers* produzidos em seus estados-membros promete dar novo fôlego ao Acesso Aberto, movimento lançado no início dos anos 2000 com o objetivo de franquear o acesso à produção científica, que avança lentamente.¹²

com o objetivo de apoiar pesquisas colaborativas internacionais em biocombustíveis de segunda geração.¹³

A ideia é desenvolver essa colaboração. Acredito profundamente que hoje em dia não se consegue inovar ou fazer ciência...¹⁴

Steiner ressalta que a mostra tem como preocupação não apenas democratizar o conhecimento.¹⁵

(...)Neher falou sobre o importante papel da colaboração internacional para o desenvolvimento da ciência e sobre a necessidade de se valorizar a pesquisa básica...¹⁶

a plataforma plos, que publica revistas científicas de alto impacto em acesso livre, lançou em maio o accelerating science award program (asap), prêmio que reconhecerá as melhores práticas de pesquisa científica publicadas em acesso aberto.¹⁷

¹⁰Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2013/03/15/uma-ciencia-mais-aberta/>. Acesso em: 24 ago. 2016.

¹¹ Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2013/03/15/uma-ciencia-mais-aberta/>. Acesso em: 24 ago. 2016.

¹² Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2016/07/14/o-futuro-do-acesso-aberto/>. Acesso em: 24 ago. 2016.

¹³ Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2015/12/15/carlos-moedas-so-ha-excelencia-na-diversidade/>. Acesso em: 23 ago. 2016.

¹⁴ Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2015/12/15/carlos-moedas-so-ha-excelencia-na-diversidade/>. Acesso em: 23 ago. 2016.

¹⁵Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2014/02/12/um-tunel-para-o-futuro/>. Acesso em: 23 ago. 2016.

¹⁶ Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2014/02/12/um-tunel-para-o-futuro/>. Acesso em: 23 ago. 2016.

¹⁷Disponível em: http://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2013/06/011_Estrategias_208.pdf?1401c6. Acesso em: 23 ago. 2016.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

por meio de pesquisas, conseguirem demonstrar os benefícios e o potencial que o acesso a dados abertos pode trazer para o desenvolvimento da ciência e de outras áreas, como a medicina e o mundo dos negócios.¹⁸

Analisando relações como estas aqui postas, entendemos que a circulação do sintagma em análise está vinculada à inovação científica, a uma produção aberta ao público, à colaboração científica que “disponibiliza” dados com acesso livre, e sobretudo, à democratização de todo conhecimento produzido, mas nem sempre isso corresponde às práticas efetivas da comunicação científica. Essas relações é que constituem a opacidade do sintagma e, portanto, as disputas inerentes por seus sentidos, trata-se, então, como é visto em Maingueneau (2008) de abordar discursivamente sobre o que configura *ciência aberta*:

O discurso não deve ser pensado somente como um conjunto de textos, mas como uma prática discursiva. O sistema de restrições semânticas, para além do enunciado e da enunciação, permite tornar esses textos comensuráveis com a “rede institucional” de um “grupo”, aquele que a enunciação discursiva ao mesmo tempo supõe e torna possível. (p.22)

Esse sistema de restrições inclui os *espaços discursivos* como subconjuntos de formações discursivas que o analista, diante de seu propósito, julga relevante pôr em relação (MAINGUENEAU, 2008).

Assim, as relações estabelecidas aqui entre *prática discursiva* e *espaços discursivos* pretendem elucidar o modo como está em jogo a definição de *ciência aberta*, vista como uma prática e como esses tipos de relações recebem fortes influências por fatos como serem financiados por agências, o que de certo modo procura atender a determinados parâmetros definidores do que seja *ciência aberta* aplicados aos seus espaços discursivos. Somada a essas relações, eis a força de uma institucionalização sobre a produção de sentidos.

Considere-se, entre outros, um dos dados que suscitam o interesse por investigar o funcionamento desse sintagma: as relações que a expressão “ciência aberta” estabelece no banco de dados da Revista FAPESP, ainda a confirmarem-se por investigações mais sistemáticas, apontam para uma produção científica que tem todos os direitos reservados à própria instituição, demandando autorização sobre qualquer forma de uso, total ou parcial dos

¹⁸ Disponível em: http://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2013/06/011_Estrategias_208.pdf?1401c6. Acesso em: 23 ago. 2016.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

resultados científicos das pesquisas financiadas. Há um entendimento de ciência nessa prática institucional que suscita uma outra semântica, sugerindo filtros da distribuição da produção científica.



Figura 1. Todos os direitos são reservados à própria Revista FAPESP.



Figura 2. Zoom da mensagem sinalizada na Figura 1.

Nas buscas iniciais feitas nos sites das instituições selecionadas, Revista FAPESP e FNDC, encontramos na primeira um resultado de 2650¹⁹ notícias vinculadas ao termo, enquanto que, para nossa surpresa, no FNDC, com o qual pretendíamos trabalhar com a ideia de comunicação científica, uma vez que, conforme sua posição auto-declarada, discute questões sobre a democratização da comunicação defendendo uma posição *aberta*, nos deparamos com nenhum resultado. Diante disso, nossas análises se voltaram, por ora, apenas ao banco de dados da Revista FAPESP. Dessa forma, buscaremos investigar, posteriormente, outros fóruns que tratam do tema e, no FNDC, outros sintagmas que talvez sejam paráfrases da expressão que elegemos como eixo da pesquisa, talvez modalizadores de um tema

¹⁹ Busca feita em 12 de maio de 2016.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

polêmico e muito setorizado em um fórum tão abrangente. Outra hipótese de trabalho a ser considerada.

Frente a isso, será necessário, ainda, tratar a discussão sobre os dispositivos comunicacionais atuais, o desenvolvimento das redes sociais e o modo como a cibercultura motivada pela cultura hacker perpassa a base desta conjuntura, colocando em questão o modo de fazer e difundir a ciência. Para tanto, como foi dito, trataremos de explicar esse conjunto de objetos e práticas de uma perspectiva discursiva, isto é, que seguindo o percurso do sintagma, procuramos compreender seus modos de aparecimento, tanto no nível do material linguístico, quanto na sua inscrição material, onde se revelam respectivamente, em qual tipo de texto e em que dispositivo circula, para que público, dado que,

Esses “percursos” suscitaram reações ambivalentes. É, com efeito, muito sedutor atravessar múltiplas fronteiras, circular no interdiscurso para aí fazer aparecer relações invisíveis particularmente propícias às interpretações fortes. (MAINGUENEAU, 2008, p.23)

Portanto, também será necessário tratar o sintagma como uma unidade não tópica, que segundo Maingueneau(2008) são unidades plurifocais construídas pelos pesquisadores independente de fronteiras preestabelecidas, de modo que se faz necessário desenvolver um *percurso* próprio de pesquisa.

Considerações finais

Seria impróprio propor considerações finais nesta altura, uma vez que esta pesquisa ainda está no início. De qualquer forma, já podemos identificar importantes relações estabelecidas na circulação do sintagma *ciência aberta*, de modo a instituírem-se noções que atendem a diferentes interesses, característicos de distintas institucionalidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lúcia; ABDO, Alexandre Hannud. *Ciência aberta, questões abertas*. Brasília: Ibict; Rio de Janeiro: Unirio, 2015.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

- CASTELLS, Manuel. *A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade*. Zahar, 2003.
- CLARES, Letícia Moreira. *Dispositivos comunicacionais e produção de imaginários: o caso dos periódicos científicos*. Projeto de pesquisa. 2015.
- FIGARO, Roseli (org). *Comunicação e análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2012.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Parábola, 2008.
- _____. *Cenas da enunciação*. Parábola Ed., 2008.
- _____. *Discurso e análise do discurso*. Re]discutir texto, gênero, discurso. Parábola, 2015.
- _____. *Frases sem texto*. Tradução de Sírio Possenti et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- MARTINS, Beatriz Cintra. *Autoria em rede*. Mauad Editora Ltda, 2014.